

# Fundamentos da Enfermagem 3

**Michelle Thais Migoto  
(Organizadora)**

**Atena**  
Editora  
Ano 2019



Michelle Thais Migoto  
(Organizadora)

# Fundamentos da Enfermagem 3

Atena Editora  
2019



2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Natália Sandrini

Revisão: Os autores

#### Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

F981 Fundamentos da enfermagem 3 [recurso eletrônico] / Organizadora Michelle Thais Migoto. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Fundamentos da Enfermagem; v. 3)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia.

ISBN 978-85-7247-116-9

DOI 10.22533/at.ed.169191202

1. Enfermagem. 2. Enfermagem – Prática. I. Migoto, Michelle Thais. II. Série.

CDD 610.73

**Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422**

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

## APRESENTAÇÃO

No volume 3, desta obra *Fundamentos de Enfermagem*, é composto por 20 capítulos, que englobam assuntos relacionados ao ambiente hospitalar, como também a dimensão ensino. A principal relação entre eles, é que os hospitais além de serem espaços voltados para a assistência à saúde em suas diversas especialidades, é também o campo da prática de ensino, de pesquisa e incorporação tecnológica em saúde.

A assistência hospitalar se fortalece quando ela se abre para o ensino e o desenvolvimento de pesquisa, que retroalimentam a qualidade da assistência, segundo a Segurança do Paciente. Esta relação ocorre pelo ensino para a graduação e pós-graduação para as diversas profissões da área da saúde.

Por fim, esperamos que este livro possa fortalecer a Enfermagem, colaborando e instigando os envolvidos na dimensão do ensino, da pesquisa e da extensão. Estimulados por instrumentos metodológicos, tecnológicos, educacionais e assistenciais que corroboram com o desenvolvimento da prática profissional da Enfermagem

Michelle Thais Migoto

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
A TEORIA DO CUIDADO HUMANO APLICADA AO PACIENTE CARDIOPATA	
Andrea Cristina Dantas Borba	
Valdecy Ferreira de Oliveira Pinheiro	
Ana Beatriz de Oliveira Aziz Gomes	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1691912021</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>12</b>
ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM NA BUSCA DA QUALIDADE DE VIDA DO PACIENTE RENAL CRÔNICO DURANTE A HEMODIÁLISE	
Ana Patrícia Fonseca Coelho Galvão	
Ismael Viana Aragão	
Maxwell do Nascimento Silva	
Fernando Rodrigo Correia Garcia	
Francisca Bruna Arruda Aragão	
Wochimann de Melo Lima	
Luciana Coelho Carvalho Oliveira	
Rafael Mondego Fontenele	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1691912022</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>29</b>
CONTRIBUIÇÃO DO ENFERMEIRO NO PROCESSO DE GERENCIAMENTO DE CUSTO NAS INSTITUIÇÕES HOSPITALARES	
Silvia Emanoella Silva Martins de Souza	
André Ribeiro da Silva	
Cássio Murilo Alves Costa	
Maria Auristela Menezes Costa	
Jitone Leônidas Soares	
Jônatas de França Barros	
Carissa Menezes Costa	
Críssia Maria Menezes Costa	
Fernando Antibas Atik	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1691912023</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>51</b>
A IMPORTÂNCIA DO ENFERMEIRO DO TRABALHO NA ORIENTAÇÃO DO USO DOS EPI'S PARA A PREVENÇÃO DOS ACIDENTES OCUPACIONAIS	
Milena Suzy Lopes Pereira	
Natália Saldanha Ferreira Augusto	
Sílvia Ximenes Oliveira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1691912024</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>56</b>
DIFICULDADES ENCONTRADAS PELOS ENFERMEIROS NA IMPLANTAÇÃO DA SISTEMATIZAÇÃO DA ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM PERIOPERATÓRIA (SAEP)	
Elaine Ribeiro	
Adriana Cristina Mota Furlan	
Érika Christiane Marocco Duran	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1691912025</b>	

**CAPÍTULO 6 ..... 69**

O PROCESSO DE ENFERMAGEM NA ASSISTÊNCIA À SINDROME DE ONDINE

Maria Cláudia Parro  
João Cesar Jacon  
Marcela Pereira de Sá  
Roberta Bistafa

**DOI 10.22533/at.ed.1691912026**

**CAPÍTULO 7 ..... 82**

POLÍTICAS E AVANÇOS DA PREVENÇÃO E CONTROLE DE INFECÇÃO HOSPITALAR NO BRASIL:  
UMA REVISÃO DA LITERATURA

Karine Raiane Cabreira de Oliveira  
Oscar Kenji Nihei

**DOI 10.22533/at.ed.1691912027**

**CAPÍTULO 8 ..... 93**

REVISÃO DO PROCESSO DE ENFERMAGEM DO INSTITUTO DE ORTOPEDIA E TRAUMATOLOGIA  
DO HCFMUSP

Nathalia Casarin Scoz Campos  
Camila Hidalgo  
Larissa Cristina da Silva Pinheiro  
Andreia Oracic Pena  
Fernanda Santos da Silva  
Renata Lourenço César Parra

**DOI 10.22533/at.ed.1691912028**

**CAPÍTULO 9 ..... 100**

RISCO DE QUEDAS EM IDOSOS: AÇÕES DA ENFERMAGEM PARA REDUZIR A SUA OCORRÊNCIA

Ana Patrícia Fonseca Coelho Galvão  
Roberta Daniele Rocha Chagas de Oliveira  
Ana Rute Soeiro Brandão  
Maxwell do Nascimento Silva  
Fernando Rodrigo Correia Garcia  
Francisca Bruna Arruda Aragão  
Fabrício e Silva Ferreira  
Wochimann de Melo Lima  
Luciana Coelho Carvalho Oliveira

**DOI 10.22533/at.ed.1691912029**

**CAPÍTULO 10 ..... 118**

A FORMAÇÃO EM ENFERMAGEM RURAL

Ângela Roberta Alves Lima  
Eliana Buss  
Maria del Carmen Solano Ruiz  
José Siles González  
Rita Maria Heck

**DOI 10.22533/at.ed.16919120210**

**CAPÍTULO 11 ..... 131**

A ARTICULAÇÃO TEORIA-PRÁTICA NA FORMAÇÃO DE ENFERMEIROS: POSSIBILIDADES DO  
AUTOESTUDO DOCENTE

Lídia Chiaradia da Silva  
Rita de Cássia Magalhães Trindade Stano

**DOI 10.22533/at.ed.16919120211**

**CAPÍTULO 12 ..... 147**

USO DE TECNOLOGIA ASSISTIVA NO PROCESSO DE COMUNICAÇÃO ALTERNATIVA DE PACIENTES EM CUIDADO INTENSIVO

Graciela de Brum Palmeiras

Adriano Pasqualotti

Marlene Teda Pelzer

**DOI 10.22533/at.ed.16919120212**

**CAPÍTULO 13 ..... 162**

AVALIAÇÃO DOS ESTUDANTES DE ENFERMAGEM QUANTO A UTILIZAÇÃO DA TECNOLOGIA NO ENSINO SUPERIOR: UMA REVISÃO INTEGRATIVA

José Rocha Gouveia Neto

Bruna Oliveira Gonzaga

Mirelly da Silva Barros

Mônica Gusmão Lafrande Alves

Nathália Bianca Gomes da Nóbrega

Taciana da Costa Farias Almeida

**DOI 10.22533/at.ed.16919120213**

**CAPÍTULO 14 ..... 175**

FORMAÇÃO MULTIPROFISSIONAL EM SERVIÇO: A PERCEPÇÃO DOS RESIDENTES

Anna Karla Nascimento Lima

Denise Barbosa de Castro Friedrich

Edna Aparecida Barbosa de Castro

Fábio da Costa Carbogim

Raquel de Oliveira Martins Fernandes

William Ávila de Oliveira Silva

**DOI 10.22533/at.ed.16919120214**

**CAPÍTULO 15 ..... 189**

FORMAÇÃO POLÍTICA COMO FERRAMENTA TRANSFORMADORA DE UMA PROFISSÃO: A REALIDADE DA ENFERMAGEM DESDE ACADEMIA

Audrey Moura Mota-Gerônimo

Heloisa Maria Pierro Cassiolato

Bruna Paesano Grellmann

Daniela de Oliveira Soares

Giordan Magno da Silva Gerônimo

**DOI 10.22533/at.ed.16919120215**

**CAPÍTULO 16 ..... 202**

INFORMÁTICA EM SAÚDE COMO FERRAMENTA NA SISTEMATIZAÇÃO DA ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM EM UM HOSPITAL UNIVERSITÁRIO

Neyse Patrícia do Nascimento Mendes

Carlos Jordão de Assis Silva

Kátia Regina Barros Ribeiro

Érika Cecília Resende de Souza

Deborah Dinorah de Sá Mororó

**DOI 10.22533/at.ed.16919120216**

<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>210</b>
TÉCNICA DE GRUPO FOCAL NA PESQUISA EM ENFERMAGEM: RELATO DE EXPERIÊNCIA	
Lisa Antunes Carvalho Nara Jací da Silva Nunes Maria Luzia Machado Godinho Maira Buss Thofehn Álvaro Luiz Moreira Hypólito Edison Luiz Devos Barlem	
<b>DOI 10.22533/at.ed.16919120217</b>	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>219</b>
TUTORIAL PARA ELABORAÇÃO DE DIAGNÓSTICOS DE ENFERMAGEM – UMA PROPOSTA EDUCACIONAL VIRTUAL	
João Cesar Jacon Maria Cláudia Parro	
<b>DOI 10.22533/at.ed.16919120218</b>	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>229</b>
EDUCAÇÃO EM SAÚDE NO CUIDADO A MULHERES COM DIABETES GESTACIONAL: RELATO DE EXPERIÊNCIA	
Patricia de França Costa Anna Karolina Lages de Araujo Gisely de Jesus Fonseca Moraes Yana Thalita Barros de Oliveira Castro Ariadne Sales Fama Oliveira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.16919120219</b>	
<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>234</b>
EXPOSIÇÃO SENTIDOS DO NASCER: PERFIL DOS PARTICIPANTES DOS GRUPOS FOCAIS	
Rosiane de Oliveira Cunha Kleyde Ventura de Souza Juliana Maria Almeida do Carmo Bernardo Jefferson de Oliveira Sonia Lansky Stella Elizei Malta	
<b>DOI 10.22533/at.ed.16919120220</b>	
<b>SOBRE A ORGANIZADORA</b> .....	<b>246</b>



## CONTRIBUIÇÃO DO ENFERMEIRO NO PROCESSO DE GERENCIAMENTO DE CUSTO NAS INSTITUIÇÕES HOSPITALARES

**Silvia Emanoella Silva Martins de Souza**  
**André Ribeiro da Silva**  
**Cássio Murilo Alves Costa**  
**Maria Auristela Menezes Costa**  
**Jitone Leônidas Soares**  
**Jônatas de França Barros**  
**Carissa Menezes Costa**  
**Críssia Maria Menezes Costa**  
**Fernando Antibas Atik**

**RESUMO:** A prática de gerenciamento de custos em enfermagem no Brasil ainda é intimamente ministrada nas instituições de nível superior. O objetivo desse estudo foi verificar quais são os modelos de gerenciamento de custos da enfermagem no Brasil. A metodologia utilizada foi a revisão integrativa da literatura nas bases de dados eletrônicas LILACS, MEDLINE, ColecionaSUS e bibliotecas virtuais Cochrane e SciELO, com recorte temporal entre os anos de 1980 a 2016. Utilizou-se os termos em português: “gerenciamento”, “custos”, “enfermagem”. Concluiu-se que o gerenciamento de custos é essencial para a qualidade do serviço de enfermagem, os profissionais dessa área no Brasil relatam não possuir formação acadêmica suficiente para gestão de custos, sendo que este profissional tem um papel bastante significativo no controle de material, tanto em testes, avaliações,

gastos, quanto na forma adequada de utilizá-los, além dos estudos realizados no país serem escassos e possuírem metodologias pouco apuradas e com mínimo de aprofundamento na sua importância.

**PALAVRAS-CHAVE:** Controle de Custos, Enfermagem, Gestão de Recursos.

**ABSTRACT:** The practice of cost management in nursing in Brazil is still intimately administered in higher education institutions. The purpose of this study was to verify which are the cost management models of nursing in Brazil. The methodology used was the integrative review of the literature in the electronic databases LILACS, MEDLINE, ColecionaSUS and virtual libraries Cochrane and SciELO, with a temporal cut between the years 1980 to 2016. It was concluded that cost management is essential for the quality of the nursing service, professionals in this area in Brazil report not having sufficient academic training for cost management, and this professional has a very significant role in the control of material, both In tests, evaluations, expenditures, as well as in the appropriate way of using them, besides the studies carried out in the country are scarce and have methodologies that are not very clear and with a minimum of deepening in their importance.

**KEY WORDS:** Cost Control, Nursing, Resources Management.

**RESUMEN:** La práctica de la gestión de los costes de enfermería en Brasil se encuentra aún muy enseñada en las instituciones terciarias. El objetivo de este estudio fue determinar cuáles son los modelos de gestión de los costes de enfermería en Brasil. La metodología utilizada fue la integrada de la literatura en bases de datos LILACS electrónicos, MEDLINE, Cochrane Colección SUS y bibliotecas virtuales y SciELO, con el marco de tiempo entre los años 1980 a 2016. Utilizamos los términos en portugués, “gestión”, “costo”, “enfermería”. Se concluyó que la gestión de costes es esencial para la calidad del servicio de enfermería, los profesionales de esta área en Brasil informan carecer de la suficiente formación académica para la gestión de costes, y este profesional tiene un papel muy importante en el control de los materiales, tanto las pruebas, las evaluaciones, los gastos y en la forma correcta de utilizarlos, además de los estudios en el país son escasos y pequeños poseen metodologías refinadas y profundización con un mínimo de su importancia.

**PALABRAS CLAVE:** Control de Costos, Enfermería, Gestión de Recursos.

## INTRODUÇÃO

O estudo de aspectos econômicos em saúde mostra-se extremamente atual e oportuno, uma vez que as organizações de saúde vivem momentos de grande competitividade, de busca pela qualidade do atendimento aos clientes e de necessidade de incorporação de tecnologia de ponta<sup>(1)</sup>.

A capacitação de enfermeiros na gestão de custos é importante para preparar os profissionais para atuarem de forma racional os gastos dentro do serviço hospitalar, utilizando o mínimo de recursos possíveis com hábitos e atitudes condizentes às exigências do mercado, de forma a promover a manutenção da qualidade dos serviços prestados<sup>(2)</sup>.

É importante ressaltar que os profissionais de Enfermagem não tem conhecimento e expertise com relação ao custos dos materiais e produtos dispensados nas áreas para serem utilizados para com o paciente, condição esta, que muitas vezes são percebidas dentro das instituições hospitalares pois não existe um trabalho direcionado dos serviços de auditoria e faturamento hospitalar nas áreas assistenciais com relação aos custos dos materiais médicos hospitalares, dificultando o entendimento e a compressão dos profissionais de Enfermagem e de outras especialidades quanto ao valor agregado a cada material utilizado e sua importância relacionado ao desperdício e a insistência cobrança da correta descrição no prontuário do paciente para que seja posteriormente faturado.

Infelizmente muitos profissionais relatam não possuir uma formação acadêmica voltada ao gerenciamento de custos, o que dificulta na visualização e elaboração de estratégias quando se trabalha com relatório gerencial de custo<sup>(1)</sup>.

Diante desta necessidade na formação dos profissionais enfermeiros e técnicos

de Enfermagem, os serviços hospitalares estão tendo que investir em treinamentos efetivos através da educação permanente, para que se possa desenvolver aspectos gerenciais e formar líderes responsáveis com os gastos utilizados nos pacientes.

Para contribuir com o controle e custos hospitalares, o enfermeiro tem o papel de executar atividades de controle de qualidade e desperdício, avaliar o material, testar novos materiais, controlar materiais de alto custo e orientar sobre a forma de utilizar adequadamente os materiais<sup>(3)</sup>.

Na década de 80, existia ainda uma pequena quantidade de trabalhos publicados sobre custos da assistência de Enfermagem na literatura brasileira, sendo que este tema nem sequer era objeto de debate ou estudo nos currículos dos cursos de administração por exemplo, mostrando não haver nos enfermeiros, ainda, uma consciência de custos hospitalares e da contribuição da sua equipe para redução ou adequação destes à eficácia do serviço<sup>(4)</sup>.

Provavelmente está limitação na formação dos profissionais vem corroborando para o aumento do número de glosas hospitalares, uma vez que não se é dada a devida importância relacionado ao uso indiscriminado destes materiais.

É importante ressaltar também que a vida financeira da instituição está diretamente ligada às áreas hospitalares bem como o adequado faturamento destes itens

Ainda são escassas as faculdades de enfermagem no Brasil que tenha uma disciplina específica que engloba somente o conteúdo gerenciamento de custos na enfermagem.

A literatura atual é também limitada, visto que a resolução dessa problemática é essencial para o bom desenvolvimento dos serviços prestados pela equipe de enfermagem, bem como pelo hospital como um todo.

Diante as situações descritas acima, teve-se como objetivo neste estudo verificar quais são os modelos de gerenciamento de custos da enfermagem no Brasil e quais são as medidas práticas que estes estudos propõem para o enfermeiro.

## **METODOLOGIA**

A metodologia utilizada foi a revisão integrativa da literatura nas bases de dados eletrônicas LILACS, MEDLINE, ColecionaSUS e bibliotecas virtuais Cochrane e SciELO, com recorte temporal entre os anos de 1980 a 2016. A pesquisa bibliográfica incluiu a busca de teses, artigos, dissertações e livros relacionados aos temas de Gerenciamento de Custos em Enfermagem. A seleção dos artigos considerou os mais pautados com a pesquisa em questão. Utilizou-se os termos em português: “gerenciamento”, “custos”, “enfermagem”.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

A enfermagem é essencial e fundamental para o funcionamento de um hospital. Cada dia que passa, a sua contribuição científica torna-se cada vez mais importante para a excelência ao atendimento do paciente e ao gerenciamento de custos nas instituições hospitalares. O custo hospitalar pode estar em diversos setores, tais como: pessoal, equipamentos sofisticados, manutenção desses equipamentos dentre outros. O alto custo para manter uma estrutura complexa de Unidade de Terapia Intensiva - UTI, por exemplo, tem justificado cada vez mais rigoroso o controle de custos nessa área, em especial com o pessoal<sup>(5)</sup>.

Frente a esse quadro complexo descrito, o profissional de Enfermagem precisa estar preparado para responder aos novos desafios gerenciais com os quais vai se deparar em sua atividade profissional, entre os quais o gerenciamento de Custos dos Serviços de Saúde, contribuindo para a viabilidade de atendimentos à saúde, tanto no setor Público como no Privado<sup>(6)</sup>.

Ao confrontar a relação do enfermeiro com a gerência de recursos materiais, humanos e políticas de saúde, num contexto sociopolítico e econômico-social que caracteriza determinada instituição de saúde, sujeitas às leis de mercado, percebe-se que se exige do enfermeiro o desenvolvimento de habilidades técnico-administrativas que ultrapassam a visão do cuidado pelo cuidado<sup>(7)</sup>.

Assim, os enfermeiros têm exercido atividades referentes ao gerenciamento de materiais em suas unidades de trabalho, sendo responsáveis pela previsão, provisão, organização e controle desses materiais<sup>(8)</sup>. Além disso, assumem também atividades em relação à seleção e à compra de materiais<sup>(9)</sup>, sendo que essas atividades podem variar de uma instituição para outra. Basicamente, envolvem desde o auxílio na determinação dos tipos de materiais que vão ser adquiridos, a padronização, a especificação técnica e o controle de qualidade desses materiais, a emissão de parecer técnico sobre eles, até o controle sobre o serviço de manutenção preventiva e reparadora dos materiais médico-hospitalares.

O aumento exponencial dos custos em saúde está diretamente relacionado a uma série de fatores: o emprego de novas tecnologias, o aumento da expectativa de vida da população, o crescimento da demanda com a universalização do acesso à saúde, a escassez de mão de obra qualificada, acarretando baixa produtividade, a má gestão das organizações devido à incapacidade administrativa dos profissionais de saúde, a não implantação de sistemas de controle de custos, os desperdícios na cadeia produtiva, dentre outros<sup>(10)</sup>.

Neste sentido, essa crescente elevação de custos em saúde, fez com que os profissionais que atuam nesta área buscassem a aquisição de conhecimentos sobre custos e conseqüentemente, a sua aplicação na realização de estudos, onde se busca a racionalização no processo de alocação de recursos, o equilíbrio entre custos e recursos financeiros e a otimização de resultados<sup>(11)</sup>.

O Conselho Internacional de Enfermagem (CIE) em 1993, fez considerações sobre algumas tecnologias capazes de reduzir custos, mediante o aumento da eficiência e eficácia nos cuidados, citando que alguns aparelhos como termômetros digitais, aparelhos portáteis de Eletrocardiograma (ECG) e computadores dentre outros, podem facilitar algumas tarefas, liberando os enfermeiros para outras atividades, ressaltando ainda que o progresso tecnológico, com o desenvolvimento de novos equipamentos, produtos e técnicas inovadoras, são extremamente caros<sup>(12)</sup>.

Vale ressaltar que a incorporação de novas tecnologias em saúde, diferente de outros setores, não substitui o trabalho por capital, pelo contrário, só aumenta a necessidade de mão-de-obra cada vez mais complexa e sofisticada<sup>(11)</sup>.

Outro fator importante a ser levado em consideração é o envelhecimento da população. Essa transformação é acompanhada por aumentos significativos de doenças crônicas degenerativas, que exigem tratamentos mais prolongados, sofisticados e complexos, afetando diretamente os gastos públicos com saúde<sup>(13)</sup>.

Perante isso, o conhecimento dos custos nas organizações de saúde e na enfermagem têm como objetivos avaliar o crescimento quantitativo e financeiro das unidades, conhecer os custos dos tratamentos e procedimentos realizados, negociar a tabela de preço e remuneração, alocar recursos de modo eficiente, identificar ineficiências e desperdícios no processo produtivo, dentre outros<sup>(14)</sup>.

A presença de grandes estoques de alguns materiais e a escassez de outros, dentro de um hospital, é talvez um dos pontos que mais afligem os profissionais envolvidos com o processo gerencial. A escassez implica muitas vezes na interrupção da assistência, levando a vivência de situações danosas e estressantes para o cliente, família e profissionais. A presença de grandes estoques de outros, ocasiona, além da perda de capital decorrente dos problemas que surgem devido a falta de controle de estoque, a falta deste mesmo capital para a compra dos demais materiais em falta<sup>(15)</sup>.

A capacitação de enfermeiros na gestão de custos é importante para preparar os profissionais para atuarem de forma racional os gastos dentro do serviço hospitalar, utilizando o mínimo de recursos possíveis com hábitos e atitudes condizentes às exigências do mercado, de forma a promover a manutenção da qualidade dos serviços prestados<sup>(2)</sup>.

Para contribuir com o controle e custos hospitalares, o enfermeiro tem o papel de executar atividades de controle de qualidade e desperdício, avaliar o material, testar novos materiais, controlar materiais de alto custo e orientar sobre a forma de utilizar adequadamente os materiais<sup>(3)</sup>.

Na década de 80, existia ainda uma pequena quantidade de trabalhos publicados sobre custos da assistência de Enfermagem na literatura brasileira, sendo que este tema nem sequer era objeto de debate ou estudo nos currículos dos cursos de administração por exemplo, mostrando não haver nos enfermeiros, ainda, uma consciência de custos hospitalares e da contribuição da sua equipe para redução ou adequação destes à eficácia do serviço<sup>(4)</sup>.



A Organização Mundial de Saúde aponta a enfermeira como o profissional da área de saúde com o maior potencial para assegurar uma assistência rentável, ou seja, eficaz em função dos custos<sup>(12)</sup>.

## MODELOS DE GERENCIAMENTO DE CUSTOS EM ENFERMAGEM

A enfermagem moderna<sup>(16)</sup> sofreu significativas modificações em sua prática e finalidades, ao evoluir de uma atividade voltada para a prestação de cuidados caritativos para uma atividade institucionalizada e destinada à recuperação, à cura da doença e ao cumprimento de funções administrativas, pois, ao se inserir nos hospitais, o enfermeiro deparou com um trabalho baseado em regras e normas preestabelecidas pela instituição, no qual a racionalidade e a impessoalidade eram os elementos essenciais para o desenvolvimento dessa prática<sup>(17)</sup>.

As organizações têm exigido que o enfermeiro assuma cargo de gerência sob a argumentação de que esse profissional, além de possuir conhecimentos relativos à prestação do cuidado ao cliente, possui capacitação na área administrativa e se relaciona de maneira satisfatória com os demais membros da equipe de saúde. “Cabe à gerência um caráter articulador e integrativo, já que a ação gerencial é determinada e determinante do processo de organização de serviços de saúde/ enfermagem”<sup>(18)</sup>.

Neste contexto, entende-se sobre Gerenciamento de Custos na Enfermagem um processo administrativo que visa a tomada de decisão dos enfermeiros em relação a uma eficiente racionalização na alocação de recursos disponíveis e limitados, com o objetivo de alcançar resultados coerentes às necessidades de saúde da clientela e às necessidades/finalidades institucionais. Para tanto, se faz necessário a compreensão de um conjunto de princípios e conhecimentos de análise econômica que viabilizem a escolha de decisões mais convenientes<sup>(11)</sup>.

Para maior controle destes estoques relacionados a materiais coletivos, bem como os vinculados a prescrição médica e de Enfermagem, cada vez mais estão sendo controlados através de relatórios de materiais que justifiquem seu uso, para que seja apresentada no mento da auditoria do prontuário, servido de alibi na justificativa do mesmo.

A implementação de sistemas de gerenciamento de custos é importante para a área de saúde, quando se visa à contenção de gastos sem a perda da qualidade do serviço a que se propõe prestar. Para isso, é necessário o envolvimento não só da área administrativa, mas também dos gerentes das diferentes unidades que compõem uma organização hospitalar, pois cada integrante deve contribuir, com seu conhecimento específico, na criação, implementação e controle desse sistema<sup>(15)</sup>.

Neste contexto é que se vê a necessidade de enfermeiros com formação especializada para serem parceiros no desenvolvimento e implementação de novos projetos e pesquisas nestas áreas, apresentando levantamentos estatísticos do quanto possamos colaborar para reduzir desperdícios, bem como trabalhar com dispensação

de acordo com o número médio de internações.

Ressalta-se ainda que a sustentabilidade financeira das instituições está além do processo de gerenciamento dos gestores diretores e superintendentes, bem como dos gestores das áreas assistências, traçando planos estratégicos de desenvolvimento operacional para controlar ao máximo a saída de materiais que não seja vinculado a um doente, processo este que deve estar bem amarrado ao setor de farmácia, de onde sai 98% dos materiais e medicamentos, e de custos significantes

No Brasil, com a implantação do Sistema Único de Saúde (SUS), muito tem se discutido sobre a questão da gerência de serviços de saúde, ou seja, a capacidade dos serviços para resolver os problemas, tanto na área hospitalar quanto na atenção básica. O SUS com suas fortes implicações sócio-político, econômico e cultural compõe um cenário no qual o trabalho gerencial exercido pelo enfermeiro passa a ser visto como característica essencial para o enfrentamento dos desafios propostos por esse novo sistema<sup>(19)</sup>.

É importante considerar que o sistema está falido, por falta de gerenciamento de custo, falta materiais e medicamentos, bem como insumos básicos nas redes públicas para o cuidado básico ao paciente enfermo.

Segundo Gersdoff (1980)<sup>(20)</sup>, os recursos que mais elevam os custos hospitalares após o quadro de pessoal são os custos com medicamentos, materiais e equipamentos. Kurcgant (1991)<sup>(8)</sup> ressalta que dentre os insumos necessários à prestação de assistência à saúde, os recursos materiais, representam um custo na ordem de 30 a 45% das despesas das instituições de saúde. Estudos mais recentes de 2001 referem valores entre 15 a 25%<sup>(21)</sup>.

Nos dias de hoje é impossível dentro do contexto hospitalar, não pensar em controle de custos, principalmente dos materiais de consumo, grande parte consumidos pela equipe de enfermagem<sup>(15)</sup>.

Os processos de dispensação dos materiais principalmente de alto custos eles precisam estar bem amarrados a processos assistências que vincula a uma indicação precisa e necessária para a continuidade do cuidado ao doente, para que se possa evitar as glosas, pois hoje os serviços de auditorias dos convênios trabalham em cima destas falhas de processos para que possam reduzir seus gastos com a conta do paciente.

É necessária a adoção de sistemas de gerenciamento de custos para que os serviços de saúde possam conter os gastos, mas mantendo, ao mesmo tempo, uma atenção de qualidade. Para isso, é necessário o envolvimento dos profissionais de saúde na formulação e desenvolvimento desses sistemas<sup>(11)</sup>.

A classificação pelo método ABC, proposto por Wilfredo Pareto, logo após a Segunda Guerra Mundial, pode ser entendida como uma classificação baseada no valor de utilização dos itens de estoque, permitindo o controle seletivo de estoque. É um procedimento que tem por objetivo identificar os produtos em função dos valores que eles representam e, com isso, estabelecer formas de gestão apropriadas à

importância de cada item em relação ao valor total dos estoques<sup>(22)</sup>.

Os materiais da Classe A representam o “grosso” do investimento, numericamente acima de 50%. Pertencem a Classe B os itens em número e valor intermediário, sua significação financeira oscila entre 20 e 30% do total do investimento. A vigilância sobre a Classe C de materiais pode ser mais moderada, uma vez que o investimento representa aproximadamente 20% do custo total<sup>(15)</sup>.

Apesar da importância do relatório de custo como instrumento de controle e planejamento, evidenciou-se que ele tem sido pouco explorado pelos enfermeiros e pouco divulgado dentro de um hospital. Nesta mesma pesquisa, muitos não possuem o conhecimento necessário para interpretação dos dados contidos no relatório, mas reconhecem a necessidade de treinamentos para maior compreensão na utilização desse material no cotidiano profissional<sup>(1)</sup>.

Para que se possa realizar o gerenciamento de custos na enfermagem tem que ter conhecimento, compreensão e utilizar conhecimentos de contabilidade de custos, entendida como a área da contabilidade que trata da determinação, análise e controle dos gastos, que ocorrem na área de saúde especificamente na prestação dos serviços<sup>(23)</sup>.

Estas são algumas definições de termos importantes que o gerenciador de custos na enfermagem deve compreender e se familiarizar, segundo a ementa da disciplina Administração em Enfermagem 2, da Faculdade de Enfermagem, na Universidade Federal de Juiz de Fora<sup>(24)</sup>:

Gasto - é o investimento, um custo ou uma despesa (normalmente em dinheiro) que uma instituição faz para obter um produto ou realizar um serviço. Exemplo: compra de matéria prima, recursos humanos, aquisição de equipamentos entre outros.

Investimento – é o gasto realizado tendo em vista a aquisição de bens ou serviços que irão ser incorporados ao patrimônio. Exemplo: aquisição de móveis, máquinas, matéria prima entre outros.

Despesas - são os gastos não utilizados no processo de produção das atividades fins da organização, ou seja, que não tem relação direta com a prestação do serviço ao paciente. São os bens consumidos ou serviços prestados direta ou indiretamente para a obtenção de receitas, relacionados à função administrativa do serviço como, por exemplo: pagamento de juros, taxas bancárias, materiais de uso administrativo.

Desembolso - aquilo que se paga por adquirir um bem ou serviço.

Custo – gasto relativo a um bem ou serviço utilizado na produção de outros bens ou serviços, serve para a formação do preço, como por exemplo: medicamentos, recursos humanos, energia elétrica, água, entre outros.

Os custos podem ser classificados em:

Custos diretos – são os gastos que são aplicados diretamente na produção de um bem ou serviço, é aquele facilmente identificado no produto, que eu posso mensurar. Não precisa de critérios de rateio. Exemplo: materiais, equipamentos, recursos humanos.

Custos indiretos - são os gastos que não são aplicados diretamente na produção de um bem ou serviço, mas sim estão relacionados ao processo de produção, é aquele não identificado no produto, aqueles que eu não tenho como medir exatamente. Necessita de critérios de rateios para locação. Exemplo: depreciação, água, luz, telefone, entre outros. Custo Variável - depende da quantidade de atendimento realizado ou produzido. Ex.: material, medicamentos e etc.

Custo Fixo - independe da quantidade de atendimento realizado ou produzido. Ex.: aluguel, salários, encargos, etc.

Rateio – divisão proporcional dos custos apurados

Cada instituição possui suas especificidades no modelo de gerenciamento de custos, mas todas possuem algo em comum: a economicidade sem perda da qualidade e aumento da eficiência dos serviços prestados e realizados pelo enfermeiro na instituição.

## **PROPOSTAS DE POLÍTICAS INTERNAS DAS INSTITUIÇÕES NO GERENCIAMENTO DE CUSTOS DA ENFERMAGEM**

O profissional enfermeiro, engajado no processo gerencial das Instituições de saúde, seja como Gerentes ou Diretores de Divisão de Serviço, ou Chefes de Unidades, necessitam mais do que nunca, buscar conhecimentos a respeito de Custos Hospitalares, reconhecendo seu papel como agente de mudanças, no alcance de resultados positivos, bem como buscando o equilíbrio entre qualidade, quantidade e custos<sup>(11)</sup>.

A gestão de custos em qualquer tipo de organização é apresentada como um instrumento gerencial fundamental para o controle dos recursos, permitindo identificar caminhos estratégicos mais efetivos e oferecendo aos administradores a oportunidade de identificar atividades mais lucrativas, bem como aquelas cujo custo precisa ser analisado e controlado com maior cuidado, ou que não são viáveis economicamente<sup>(1)</sup>.

Em um estudo realizado por Campos e Santos (2008)<sup>(25)</sup>, percebe-se que existe uma relação de identificação dos enfermeiros com as instituições em que trabalham. Esse fato deve-se à identificação e à aproximação entre a realidade da organização e a realidade do sujeito, a base da lealdade organizativa a partir da qual se tem uma decisão coerente com os objetivos da organização. Observou-se, neste estudo, que existem diferenças no papel do enfermeiro para o gerenciamento entre os hospitais investigados e, conseqüentemente, na sua identificação com as instituições em que trabalham. Para os enfermeiros do hospital filantrópico, a administração não interfere no seu trabalho de gerenciamento, mas eles mesmos se preocupam em mostrar que o hospital, apesar de ser filantrópico, possui despesas e, por isso, precisa de um gerenciamento eficaz dos custos para a manutenção dele.

Uma proposta bastante interessante foi realizada no estudo de Oliveira et al.

(2014)<sup>(2)</sup>, onde foi elaborado, aplicado e avaliado um curso de capacitação em gestão de custos para enfermeiros de um hospital universitário público. O curso foi dividido em duas etapas com intervalo de 15 minutos entre elas. Utilizou-se como estratégia de aprendizagem aulas expositivas dialogadas com recursos audiovisuais. A aula expositiva dialogada permitiu a exposição do conteúdo, com a participação ativa dos estudantes, cujo conhecimento prévio foi considerado e pode ser tomado como ponto de partida. O professor levou os estudantes a questionarem, interpretar e discutirem o objeto de estudo, a partir do reconhecimento e do confronto com a realidade<sup>(26)</sup>.

No estudo de Albano e Freitas (2013)<sup>(27)</sup>, a grande maioria dos entrevistados da pesquisa afirmam não participar do gerenciamento de custos assistenciais e, ainda, a metade daqueles que participam não saber explicar sua atuação, confirmando a suposição de que o enfermeiro não tem visão de gerenciamento de custos hospitalares, nem consciência de que o desempenho de seu trabalho e o de sua equipe influenciam na eficiência da organização<sup>(28)</sup>.

Esta pesquisa<sup>(27)</sup> foi realizada em uma instituição privada na cidade de São Paulo, onde o mesmo concluiu que apesar da maioria dos entrevistados ter afirmado que os conteúdos de Administração e Gestão aplicada à Enfermagem, abordando os níveis de planejamento organizacional e de gerenciamento de custos assistenciais foram oferecidos durante a sua graduação em Enfermagem, estes conteúdos foram insuficientes para auxiliá-los no exercício de suas funções enquanto enfermeiros, além de não haver preocupação com a educação permanente. Essa carência de conhecimento limita a atuação do enfermeiro, compromete o status da profissão, mostra que este profissional não participa do planejamento institucional, não possui visão de gerenciamento de custos hospitalares e não tem consciência de que o desempenho de seu trabalho e o de sua equipe influencia na eficiência da organização.

No hospital filantrópico, os enfermeiros afirmam que o gerenciamento de custos é uma atividade direcionada e realizada por todos, pois a forma de controle de custos é realizada mediante um sistema de custo, onde cada setor possui um código, para onde é lançado tudo o que é requisitado no setor. Esse relatório é emitido mensalmente e analisado por cada supervisor de enfermagem, com o objetivo de identificar possíveis gastos que possam ser evitados e/ou diminuídos. Além disso, existem outras atividades específicas desenvolvidas pelos enfermeiros das unidades para manter sob controle o relatório de custo do seu setor<sup>(25)</sup>.

Segundo esta mesma pesquisa, ressalta-se que os órgãos governamentais (instituições públicas) compram por meio de licitação, cujo critério para avaliação das propostas é, em geral, o menor preço. Já em hospital filantrópico, a compra de materiais e equipamentos, normalmente, é via requisição, ou seja, compra direta. Nesse tipo de compra, os enfermeiros possuem maior liberdade na escolha de marca, modelo, material e uma avaliação mais criteriosa em relação ao custo/benefício.

Eles ainda afirmam que no hospital privado, a forma de aquisição de materiais e equipamentos se assemelha à do hospital filantrópico, mas com uma liberdade



maior dos enfermeiros dos setores. Nesse tipo de hospital, a aquisição se dá por meio de compra direta, necessitando apenas uma indicação ou parecer da enfermagem sobre a marca ou modelo desejado. O custo só é levado em consideração quando, no mercado, existe outro equipamento com o mesmo padrão de qualidade.

Talvez a vantagem ainda encontrada que difere de um hospital filantrópico para os hospitais públicos é que se tem um maior controle através das comissões de compra de materiais bem como o controle de sua aprovação.

## **MEDIDAS DE DESENVOLVIMENTO TEÓRICO-PRÁTICO DE GERENCIAMENTO DE CUSTOS HOSPITALARES**

Os hospitais possuem milhares de materiais de consumo essenciais para a prática médica e da enfermagem. São eles: medicamentos, gêneros alimentícios, produtos de escritório, de limpeza, de conservação, de limpeza, de conservação, reagentes químicos, materiais cirúrgicos, vidrarias, etc<sup>(8)</sup>. A maioria das empresas trabalha com uma grande diversidade de produtos tornando-se difícil para o setor administrativo manter um padrão único de planejamento e controle de estoques. Dar o mesmo grau de atenção a todos os itens não é uma prática recomendável, uma vez que cada um possui suas peculiaridades como custo, demanda, prazo de entregas e alternativas de fornecimento. Dessa maneira, um tipo de controle adequado para um produto pode ser inadequado para outro, acarretando em falta de material ou estoque excessivo no almoxarifado central<sup>(15)</sup>.

Partindo do pressuposto da classificação ABC mencionada no primeiro capítulo, proposto por estes mesmos autores, recomenda-se para as classes de produtos os seguintes procedimentos:

Para Classe A, recomenda-se alto índice de rotatividade, aquisição de quantidades menores em curtos espaços de tempo, com maior frequência de compra, para esses materiais, minimizando a imobilização de recursos.

Para Classe B, devem receber um tratamento menos rigoroso que os da classe A.

Para Classe C, seu controle deve ser simples e econômico, já que o Capital empatado nesta classe de materiais é pequeno em comparação com as outras. Fazem parte dessa classe os numerosos itens de pouca importância em termos de valor

Segundo Lourenço e Castilho (2006)<sup>(15)</sup> para a elaboração da curva ABC<sup>(29)</sup> estabelece uma relação entre a percentagem acumulada do valor dos estoques e a percentagem acumulada do número de itens do estoque, foram seguidas as cinco etapas descritas abaixo<sup>(30)</sup>:

1. Ordenaram-se os itens de estoque segundo seu Valor de Aquisição Ano (VAA) em ordem decrescente (VAA = quantidade adquirida X custo unitário);
2. Calculou-se o VAA acumulado item a item;

3. Calculou-se a percentagem do VAA acumulado de cada item em relação ao valor total dos estoques;
4. Calculou-se, para cada item, a percentagem do número de itens acumulados em relação ao número total de itens do estoque;
5. Procedeu-se à divisão em classes.

Eles sugerem que esta curva seja construída anualmente, por causa da alteração de valores de produtos, e que também seja construída por unidade assistencial de enfermagem, possibilitando um controle de gastos com maior acurácia.

Outro fator importante no gerenciamento de custos em enfermagem é a aferição do tempo versus custo médio do trabalho do enfermeiro na consulta da enfermagem. Margarido e Castilho (2006)<sup>(14)</sup> afirmam em seu estudo que as enfermeiras que gerenciam unidades devem refletir sobre a importância de conhecerem o tempo gasto e o custo dos procedimentos, pois, é mediante comprovações fundamentadas e baseadas em evidências científicas que se justifica a necessidade de recursos.

Neste sentido, percebe-se uma maior importância de se realizar estes registros, bem como a realização de projetos e estudos científicos por parte dos profissionais de enfermagem, a fim de melhorar a captação e distribuição de recursos por parte da instituição.

Faz-se notório à conscientização e participação deste profissional no sentido de racionalizar os gastos dentro de um serviço de saúde, utilizando o mínimo de recursos possíveis junto com a manutenção da qualidade dos serviços prestados. Sendo assim, o gerenciamento de custos apresenta-se como um processo administrativo que visa conhecer o custo em cada instância, tornando-se um diferencial na tomada de decisão dos enfermeiros e propiciando a este profissional um papel efetivo na racionalização de recursos, controle de desperdícios e otimização de resultados<sup>(2)</sup>.

O relatório gerencial de custo é um instrumento que propicia o acompanhamento sistemático das despesas e custos operacionais de cada unidade dentro do hospital, auxiliando na definição de prioridades para o gerenciamento da unidade. Entretanto, nota-se que não é utilizado em sua totalidade pelos enfermeiros em suas diferentes categorias, pois estes mantêm o foco de seu trabalho voltado às questões assistenciais. A falta de tempo para o desenvolvimento das questões relacionadas ao gerenciamento da unidade é o principal argumento apontado pelos enfermeiros<sup>(2)</sup>.

Estes mesmos autores concluem que, apesar de pouco explorado pelos enfermeiros, observou-se através das falas dos depoentes da pesquisa que o relatório gerencial de custo tem contribuído para o controle dos gastos, planejamento e controle, trazendo grandes contribuições para a prática do gerenciamento de custos.

## **PESQUISAS SOBRE GERENCIAMENTO DE CUSTOS EM ENFERMAGEM**

Em 2010 o Brasil se equipara com os EUA na quantidade de artigos publicados

sobre o tema (ambos se configurando como os dois países de maior número de publicações). Contudo, o tipo de estudo ainda é bem diferenciado com relação ao teor abordado em custos. Prova disso é que a grande maioria dos estudos nacionais estão na categoria de levantamento de custos de procedimentos/intervenções, que se mostrou como uma categoria relativamente incipiente em conteúdo mais abrangente, no sentido de que a maioria dos artigos se restringiram apenas a aferir os custos envolvidos em procedimentos e intervenções, sem necessariamente relacioná-los a resultados da prática clínica ou a como esses custos se contextualizam no sistema de saúde no qual estão inseridos (TEIXEIRA, 2010).

É importante ressaltar que, apesar de melhor fundamentação teórica, vários estudos, em especial da categoria da Avaliação Econômica de procedimentos/intervenções, não deixam claro os conceitos bem definidos que foram utilizados para realização do estudo. Por essa razão esta categoria não foi separada nos tipos de análise econômica existentes (são elas: custo-benefício, custo-efetividade, custo-utilidade e custo-minimização). Muitos artigos até realizam tais análises mas não identificam como sendo uma delas. Muitos utilizam o termo mais genérico “impacto econômico” para demonstrar o efeito financeiro que a intervenção provocou. Alguns, ao contrário, utilizam os termos corretos, porém não calculam de fato as razões que fornecem os respectivos índices. Isso nos reforça a ideia de que talvez exista uma lacuna deste conhecimento para o enfermeiro<sup>(31)</sup>.

## **ENSINO SOBRE GESTÃO DE CUSTOS EM ENFERMAGEM**

O ensino de Administração em Enfermagem surgiu no século XIX por iniciativa de Florence Nightingale, considerada a pioneira de administração hospitalar por suas experiências bem sucedidas de utilização de funções administrativas em hospitais militares na Guerra da Criméia. Ao longo dos anos, este ensino foi aprimorado e inserido no curso de graduação em enfermagem<sup>(32)</sup>. As funções administrativas do enfermeiro englobam planejamento, organização, direção, coordenação e controle das ações executadas nas unidades assistenciais da instituição. O enfermeiro também é responsável pelo gerenciamento de unidades, que envolve prever, prover, manter e controlar recursos materiais, humanos e financeiros a fim de garantir o funcionamento do serviço e de gerir o cuidado prestado ao paciente pela equipe de enfermagem<sup>(33)</sup>.

A disciplina de Administração passou a ser obrigatória no currículo mínimo do curso de graduação em Enfermagem através do Parecer no 271/62 do Conselho Federal de Educação. Este parecer foi criado em colaboração pela Comissão de Peritos em Enfermagem, pela Associação Brasileira de Enfermagem e por dezenove diretoras de escolas de enfermagem do país<sup>(34)</sup>. Porém, a atual Lei nº 9.394/96, conhecida como Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) extinguiu o currículo mínimo e garantiu autonomia didática e científica às Instituições de Ensino Superior (IES)

para estabelecerem o currículo de seus cursos<sup>(35)</sup>. Em 2001, o Conselho Nacional de Educação (CNE) e a Câmara de Educação Superior (CES) aprovaram a Resolução CNE/CES nº 03, a qual determinou as Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de graduação em Enfermagem<sup>(36)</sup>.

A ausência de formação profissional, bem como a necessidade de capacitação para compreensão do Relatório Gerencial de Custos é muito focado por Oliveira e colaboradores (2012)<sup>(1)</sup>, onde os mesmos afirmam que muitos profissionais relatam não possuir formação acadêmica voltada ao gerenciamento de custos, o que dificulta na elaboração de estratégias quando se trabalha com o referido relatório, além de muitos afirmarem que não tiveram em sua formação profissional conhecimentos em gerenciamento de custos.

Muitos cursos de graduação em enfermagem não priorizam as questões gerenciais em seus currículos. No entanto, a preocupação com questões relacionada ao gerenciamento de custo, decorrentes das mudanças que vêm ocorrendo no mercado de trabalho, exige que esse tema seja inserido na formação do enfermeiro, uma vez que a ação profissional futura deve ser muito bem preparada no período de formação acadêmica do enfermeiro<sup>(37)</sup>.

Oliveira e colaboradores (2014)<sup>(2)</sup> realizaram uma capacitação dos enfermeiros na gestão de custo hospitalar teve como objetivo preparar esses profissionais a atuarem de forma a racionalizar os gastos dentro do serviço hospitalar, utilizando o mínimo de recursos possíveis com hábitos e atitudes condizentes às exigências do mercado, de forma a promover a manutenção da qualidade dos serviços prestados. A partir das discussões em grupo, percebeu-se a importância de capacitar os enfermeiros na gestão de custo, pois se trata de um tema recente dentro do campo da enfermagem e por considerar que este profissional ocupa um papel de destaque para o equilíbrio financeiro das instituições hospitalares. Evidenciou-se a necessidade de mudança na cultura dos servidores das instituições hospitalares públicas, uma vez que estes não estão acostumados a prestar contas das ações desenvolvidas, sendo necessário que existam cobranças por parte dos gestores e de uma política voltada para o gerenciamento de custo.

Estes mesmos autores afirmam que destina-se aos trabalhadores dos hospitais de ensino (hospitais universitários) incentivar os futuros profissionais a gerenciarem custos em sua prática. Para isso, a instituição tem que possibilitar a apuração dos custos e fornecer informações que direcionem as tomadas de decisões. Na percepção dos enfermeiros, a capacitação em gestão de custo deve ser expandida a todos os servidores do hospital, e não somente aos enfermeiros, pois todos são responsáveis pelo uso racional dos recursos gastos na assistência e precisam estar capacitados para o gerenciamento de custos, de modo que o sucesso no gerenciamento deste depende da conscientização de todas as áreas envolvidas.

Apesar da maioria dos entrevistados ter afirmado que os conteúdos de Administração e Gestão aplicada à Enfermagem, abordando os níveis de planejamento

organizacional e de gerenciamento de custos assistenciais foram oferecidos durante a sua graduação em Enfermagem, estes conteúdos foram insuficientes para auxiliá-los no exercício de suas funções enquanto enfermeiros, além de não haver preocupação com a educação permanente (Albano e Freitas, 2013).

Algumas sugestões para o ensino do tema Custos, são relatados em um estudo<sup>(27)</sup>:

- Adequar o conteúdo de Custos para graduação
- Capacitação do docente para o tema
- Formação de grupos de estudo sobre o tema
- Estágios em setores do hospital ligados ao tema
- Estágios em convênios e Home Care em áreas ligadas ao tema
- Destacar o papel do enfermeiro no Gerenciamento de Custos
- Apresentar a Unidade de Internação como uma unidade de negócios
- Criar estratégias de ens. que sensibilizem o aluno quanto ao tema
- Criar uma disciplina específica sobre Custos
- Divulgar trabalhos relacionados com o tema

Em relação à adequação do conteúdo de Custos para a graduação, os docentes sugeriram: adequar a carga horária, instrumentalizar o aluno para utilização de metodologias de apuração de Custos de Procedimentos de Enfermagem e instrumentalizar o aluno para gerenciar os Custos de Recursos Humanos e Materiais na Enfermagem. Quanto aos estágios, em setores do Hospital, ligados ao tema Custos, Convênios Médicos e Home Care, os docentes sugeriram os seguintes departamentos: Faturamento, Contabilidade, Setor de Compras e Auditoria de Contas Hospitalares.

É muito importante o acesso dos docentes e dos alunos à bibliografia específica nas bibliotecas das Instituições de Ensino Superior, por meio da aquisição de títulos relacionados ao tema, que envolvem as áreas de Enfermagem, Administração Geral, Administração Hospitalar, Contabilidade, Economia e Economia da Saúde<sup>(6)</sup>.

## **O ENSINO DE CUSTOS NAS ESCOLAS DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM (EXEMPLO DE UMA PESQUISA REALIZADA EM IES EM ENFERMAGEM)**

Em uma pesquisa<sup>(6)</sup> verificou-se que 97,96% dos pesquisados foram favoráveis ao ensino de custos na graduação em enfermagem. Neste mesmo estudo, as autoras mostram na tabela 1 a distribuição da Percepção da Necessidade do Tema Custos na Graduação pelos docentes, segundo o tipo de IES em que trabalhavam e no global:



VARIÁVEL	DISTRIBUIÇÃO						
	Percepção da Necessidade do Tema Custos na Graduação	Privada(19)		Pública(9)		Global(28)	
		n	%	n	%	n	%
É essencial para subsidiar as argumentações dos enfermeiros	0	0	2	11,80	2	4,08	
É importante abordar o tema custos	5	15,60	2	11,80	7	14,30	
Para uma alocação eficaz de recursos	0	0	1	5,87	1	2,04	
É necessário para a administração de recursos na área da saúde	6	18,80	3	17,60	9	18,40	
É necessário para o controle de qualidade	0	0	1	5,87	1	2,04	
É necessário para trabalhar as relações custo benefício	1	3,12	2	11,80	3	6,12	
É importante para que os enferm. participem da administração dos custos hospitalares	0	0	1	5,87	1	2,04	
É fundamental para quem trabalha com gerenciamento	4	12,60	1	5,87	5	10,20	
É importante para a tomada de decisão	0	0	1	5,87	1	2,04	
Atualmente o controle de custos é uma questão de sobrevivência organizacional	2	6,25	2	11,80	4	8,16	
É necessário pois o enferm. é um gestor de custos nos div. níveis da org. de saúde	2	6,25	0	0	2	4,08	
É uma necessidade do mercado de trabalho	2	6,25	0	0	2	4,08	
É necessário para entender o financiamento do sistema de saúde	2	6,25	1	5,87	3	6,12	
É imprescindível para o gerenciamento da assistência	2	6,25	0	0	2	4,08	
É necessário para negociar com os profissionais ligados à saúde	1	3,12	0	0	1	2,04	
É necessário pois as Org. Saúde convivem com cust. cresc. e recursos limitados	1	3,12	0	0	1	2,04	
É necessário para uma avaliação econômica dos programas de saúde	1	3,12	0	0	1	2,04	
É necessário p/ uma avaliação de honorários de enferm. de acordo com o COFEN	1	3,12	0	0	1	2,04	
É necessário para entender as características da Adm. Pública atual	1	3,12	0	0	1	2,04	
Não acha importante na graduação e sim na especialização	1	3,12	0	0	1	2,04	
<b>TOTAL</b>	<b>32</b>	<b>100</b>	<b>17</b>	<b>100</b>	<b>49</b>	<b>100</b>	

Tabela 1 – Distribuição da Percepção da Necessidade do Tema Custos na Graduação, segundo o tipo de IES e no global(6)

Fonte: Francisco, Castilho (2004)

O fato de predominar o ensino deste tema, nos últimos semestres dos Cursos de Graduação, pode vir a indicar um maior preparo dos alunos para sua compreensão, após terem conhecido e estagiado nos diversos setores hospitalares e extra hospitalares<sup>(6)</sup>.

A Tabela 2 mostra a distribuição dos Temas Abordados pelos docentes relacionados à Custos, segundo o tipo de IES em que trabalhavam e no global.

Analisando a Tabela 2, referente aos Temas Abordados na disciplina de Administração relacionados a Custos verificou-se, no global, 17 (21,52%) citações para “definição e classificação de Custos”, seguida de 14 (17,72%) para “sistemas de custeio/ metodologias de apuração de Custos”, 13 (16,46%) para “análise de Custo Benefício”, 10 (12,66%) para “orçamento” e 9 (11,39%) para “Políticas Públicas de Financiamento do Setor Saúde”. Esses cinco temas totalizaram 79,75% dos temas relacionados a Custos abordados pelos 19 docentes que ministravam Custos na disciplina de Administração da amostra deste estudo<sup>(6)</sup>.

VARIÁVEL	DISTRIBUIÇÃO						
	Temas Abordados	Privada(12)		Pública(7)		Global(19)	
		n	%	n	%	n	%
Políticas Públicas de Financiamento do Setor Saúde	5	10,20	4	13,33	9	11,39	
Definição e Classificação de Custos	10	20,40	7	23,33	17	21,52	
Sistemas de Custeio/ Metodologias de Apuração de Custos	7	14,30	7	23,33	14	17,72	
Orçamento	5	10,20	5	16,68	10	12,66	
Análise de Custo Benefício	7	14,30	6	20,00	13	16,46	
Custos Hospitalares	2	4,08	0	0	2	2,54	
Papel do Enfermeiro no Gerenciamento de Custos em Saúde	2	4,08	0	0	2	2,54	
A importância dos Custos para os Serviços de Enfermagem	0	0	1	3,33	1	1,27	
Composição da Conta Hospitalar	2	4,08	0	0	2	2,54	
Princípios Básicos da Contabilidade	1	2,04	0	0	1	1,27	
Gestão de Custos	1	2,04	0	0	1	1,27	
Gerenciamento de Custos de Recursos Materiais	4	8,16	0	0	4	5,08	
Gerenciamento de Custos de Recursos Humanos	1	2,04	0	0	1	1,27	
Qualidade da Assistência x Custos	1	2,04	0	0	1	1,27	
Elaboração de Protocolos x Resultados x Custos	1	2,04	0	0	1	1,27	
<b>TOTAL</b>	<b>49</b>	<b>100</b>	<b>30</b>	<b>100</b>	<b>79</b>	<b>100</b>	

Tabela 2 - Distribuição dos Temas Abordados pelos docentes, segundo o tipo de IES e no global(6)

Fonte: Francisco, Castilho (2004)

A Tabela 3 mostra a distribuição do Preparo do Docente para ministrar o tema Custos, segundo o tipo de IES em que trabalhavam e no global.

VARIÁVEL	DISTRIBUIÇÃO						
	Preparo do Docente	Privada(12)		Pública(7)		Global(19)	
		n	%	n	%	n	%
Literatura impressa sobre custos	8	28,57	5	23,82	13	26,53	
Seminários, palestras, cursos de extensão sobre custos	8	28,57	6	28,57	14	28,57	
Vivência profissional	5	17,86	2	9,52	7	14,29	
Disciplinas de Pós-Graduação	4	14,29	4	19,05	8	16,33	
Pesquisa à Internet	2	7,14	1	4,76	3	6,12	
Formação anterior ou atual em área correlata	1	3,57	2	9,52	3	6,12	
Discussão com colegas sobre o tema custos	0	0	1	4,76	1	2,04	
<b>TOTAL</b>	<b>28</b>	<b>100</b>	<b>21</b>	<b>100</b>	<b>49</b>	<b>100</b>	

Tabela 3 – Distribuição do Preparo do Docente para ministrar o tema Custos, segundo o tipo de IES e no global(6)

Fonte: Francisco, Castilho (2004)

Analisando a Tabela 3, relacionada ao Preparo do Docente para ministrar o tema Custos verificou-se, no global, 14 (28,57%) citações para “seminários, palestras e cursos de extensão sobre Custos”, seguida de 13 (26,53%) para “literatura impressa sobre Custos”, 8 (16,33%) para “disciplinas de pós - graduação” e 7 (14,29%) para “vivência profissional”. Essas citações totalizaram 85,72% das formas de preparo dos docentes. Encontrou-se ainda 3 (6,12%) citações para “pesquisa à Internet” como uma fonte alternativa de acesso à informação<sup>(6)</sup>.

A Tabela 4 mostra a distribuição das Sugestões dos docentes para o ensino do tema Custos, segundo o tipo de IES em que trabalhavam e no global.

VARIÁVEL	DISTRIBUIÇÃO					
	Sugestões					
	Privada(1)		Pública(7)		Global(19)	
	n	%	n	%	n	%
Adequar o conteúdo de Custos para graduação	2	20	7	53,86	9	39,10
Capacitação do docente para o tema	0	0	1	7,69	1	4,35
Formação de grupos de estudo sobre o tema	0	0	1	7,69	1	4,35
Estágios em setores do hospital ligados ao tema	1	10	1	7,69	2	8,70
Estágios em convênios e Home Care em áreas ligadas ao tema	0	0	2	15,38	2	8,70
Destacar o papel do enfermeiro no Gerenciamento de Custos	1	10	1	7,69	2	8,70
Apresentar a Unid. de Internação como uma unidade de negócios	2	20	0	0	2	8,70
Criar estratégias de ens. que sensibilizem o aluno quanto ao tema	1	10	0	0	1	4,35
Criar uma disciplina específica sobre Custos	2	20	0	0	2	8,70
Divulgar trabalhos relacionados com o tema	1	10	0	0	1	4,35
<b>TOTAL</b>	<b>10</b>	<b>100</b>	<b>13</b>	<b>100</b>	<b>23</b>	<b>100</b>

Tabela 4 - Distribuição das Sugestões dos docentes para o ensino do tema Custos, segundo o tipo de IES e no global(6)

Fonte: Francisco, Castilho (2004)

Analisando a Tabela 4, em relação às Sugestões dos docentes para o ensino do tema Custos, obteve-se, no global, 9 (39,10%) citações para a sugestão “adequar o conteúdo de Custos para a graduação”, seguida de mesma frequência de 2 (8,70%) citações para: “estágios em setores do hospital ligados ao tema”, “estágios em convênios e Home Care em áreas ligadas ao tema”, “destacar o papel do enfermeiro no Gerenciamento de Custos”, “apresentar a Unidade de Internação como uma unidade de negócios” e “criar uma disciplina específica sobre Custos”, somando 82,60% das sugestões<sup>(6)</sup>.

Custos para a graduação, os docentes sugeriram: adequar a carga horária, instrumentalizar o aluno para utilização de metodologias de apuração de Custos de Procedimentos de Enfermagem e instrumentalizar o aluno para gerenciar os Custos de Recursos Humanos e Materiais na Enfermagem. Quanto aos estágios, em setores do Hospital, ligados ao tema Custos, Convênios Médicos e Home Care, os docentes sugeriram os seguintes departamentos: Faturamento, Contabilidade, Setor de Compras e Auditoria de Contas Hospitalares. Em relação à variável Motivos para não inclusão do tema Custos na disciplina de Administração, verificou-se, no global, 3 (30%) citações para a “falta de preparo do docente”, 3 (30%) para “sem motivo específico”, seguida de 2 (20%) citações para “pequena carga horária da disciplina”<sup>(6)</sup>.

Neste estudo foi concluído que para ocorrer a necessária difusão de conhecimentos sobre Custos faz-se necessário, em primeiro lugar capacitar os docentes em relação ao tema, estimulando sua participação em seminários, cursos, especializações ou disciplinas de pós-graduação que permitam o aprofundamento dos seus conhecimentos. Dessa forma, estará o docente preparado para selecionar os aspectos mais relevantes sobre Custos, para o aprendizado e formação profissional dos alunos. Fundamental, também, é a intensificação da produção de novos estudos e publicações específicas sobre Custos em Enfermagem. Como sugestão para ampliação da discussão do tema,

pode-se apontar a formação de grupos de estudos, incentivo à iniciação científica, estímulo à realização de dissertações e teses sobre esta temática e a promoção de cursos e treinamentos nas Instituições de Saúde. Igualmente importante é o acesso dos docentes e dos alunos à bibliografia específica nas bibliotecas das Instituições de Ensino Superior, por meio da aquisição de títulos relacionados ao tema, que envolvem as áreas de Enfermagem, Administração Geral, Administração Hospitalar, Contabilidade, Economia e Economia da Saúde<sup>(6)</sup>.

Este estudo foi realizado com os graduandos de Enfermagem do estado de São Paulo, teve o objetivo de caracterizar os docentes que ministram as aulas teóricas na disciplina Administração Aplicada à Enfermagem, analisar a disciplina quanto a inserção de conteúdo relativo a custos, e se estes estariam sendo preparados (capacitados) para esta convivência com uma nova realidade de escassez de recursos, restrições financeiras e dificuldades econômicas das organizações de saúde, tanto no setor público como no privado.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo verificar as tendências atuais nos modelos de gerenciamento de custos da enfermagem do Brasil e quais medidas práticas os estudos propõem para o enfermeiro.

A capacitação de enfermeiros na gestão de custos é o fator primordial para os profissionais atuarem de forma correta. Percebe-se no Brasil que os profissionais de enfermagem relatam não possuir formação acadêmica suficiente para gestão de custos, sendo que este profissional tem um papel bastante significativo no controle de material, tanto em testes, avaliações, gastos, quanto na forma adequada de utilizá-los. Ainda são escassas as faculdades de enfermagem no Brasil que tenha uma disciplina específica que engloba somente o conteúdo gerenciamento de custos na enfermagem.

Apesar de duas décadas atrás ainda existir ainda uma menor quantidade de trabalhos científicos publicados, comparados aos da atualidade, desde este período o enfermeiro busca formas e métodos que possam viabilizar melhor o controle de gastos no setor hospitalar. A literatura atual é limitada, visto que isso viabiliza a realização de pesquisas mais específicas, em diversos setores e tipos de hospitais.

Percebe-se que ainda são escassos os estudos sobre a temática, bem como a qualidade dos mesmos comprometem a eficácia e o aprofundamento da sua importância para o enfermeiro, bem como para todo o sistema de saúde de uma instituição.

As estratégias práticas para o gerenciamento de custos em enfermagem não são tão difíceis como se parece. O profissional de enfermagem precisa perceber que, o tempo gasto para o preenchimento de um relatório e cursos de formação realizados nesta área da enfermagem, irá contribuir de forma bastante positiva na saúde do paciente, bem como no trabalho e até mesmo na remuneração dos profissionais dessa

área.

O treinamento teórico-prático de gerenciamento de custos para os enfermeiros é uma estratégia bastante gratificante para o profissional, bem como para a instituição, afim de promover uma maior amplitude de vantagens e benefícios para toda a comunidade hospitalar (enfermeiros, médicos, outros profissionais da saúde, administrativos, pacientes, etc).

Esse tipo de pesquisa faz com que as instituições, públicas, privadas ou filantrópicas busquem subsídios e informações de seus enfermeiros, sobre o conhecimento teórico e prático sobre gerenciamento de custos, a fim de promover cursos e treinamentos nesta área, aperfeiçoando como um todo o custo/benefício da instituição hospitalar.

Concluiu-se neste estudo que a resolução dessa problemática (escassez de estudos e poucos profissionais habilitados) é essencial para a melhoria da qualidade dos sistemas de saúde do Brasil.

## REFERÊNCIAS

1. Oliveira WT, Rodrigues AVD, Haddad MCL, Vanuch, MTO, Taldivo, MA. Concepções de enfermeiros de um hospital universitário público sobre o relatório gerencial de custos. *Rev Esc Enferm USP*. 2012; 46(5): 1184-91.
2. Oliveira WT, Haddad MCL, Vannuchi MTO, Rodrigues AVD, Pissinati PSC. Capacitação de enfermeiros de um hospital universitário público na gestão de custo. *Rev Enferm UFSM*. 2014; 4(3): 566-574.
3. Oliveira NC, Chaves LDP. Gerenciamento de Recursos Materiais: o papel da enfermeira de unidade de terapia intensiva. *Rev. Rene*. 2009; 10(4): 19-27.
4. Almeida MH. Custos hospitalares na enfermagem. Rio de Janeiro: Cultura Médica, 1984.
5. Telles SCR, Castilho V. Custo de pessoal na assistência direta de enfermagem em unidade de terapia intensiva. *Rev Latino Am Enfermagem*. 2007; 15(5): 1-5.
6. Francisco IMF, Castilho V. O ensino de custos nas escolas de graduação em enfermagem. *Rev Esc Enferm USP*. 2004; 38(3): 317-25.
7. Campos LF, Angerami ELS. Custos em enfermagem: revisão de literatura. *Nursing*. 2004; 7(7): 30-4.
8. Kurcgant P. Administração em enfermagem. São Paulo: EPU, 1991.
9. Fernandes JCF. Administração de material: um enfoque sistêmico, teoria e prática. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1981.
10. Medici AC. Financiamento e contenção de custos nas políticas de saúde: tendências atuais e perspectivas futuras. *Rev Planejamento Políticas Públicas*. 1990; 4(1): 83.
11. Francisco IMF, Castilho V. A enfermagem e o gerenciamento de custos. *Rev Esc Enferm USP*. 2002; 36(3): 240-4.
12. Consejo Internacional de Enfermeras (CIE). La calidad, los costos y la enfermería. Trabajo



apresentado no Dia Internacional de La Enfermera, Geneva, 1993.

13. Savonitti BHRA. Qualidade de vida de idosos institucionalizados. [Dissertação de mestrado] São Paulo: Escola de Enfermagem. Universidade de São Paulo; 2000.
14. Margarido ES, Castilho V. Aferição do tempo e do custo médio do trabalho da enfermeira na consulta de enfermagem. Rev Esc Enferm USP. 2006; 40(3): 427-33.
15. Lourenço KG, Castilho V. Classificação ABC dos materiais: uma ferramenta gerencial de custos em enfermagem. Rev Bras Enferm. 2006; 59(1): 52-5.
16. Lunardi Filho WD, Lunardi VL. Uma nova abordagem no ensino de enfermagem e de administração em enfermagem como estratégia de (RE) orientação da prática profissional do Enfermeiro. Rev Min Enferm. 1996; 2(5): 20-34.
17. Melo MNB, Germano RM. No caminho das pedras: a supervisão de enfermagem nos hospitais públicos. Nursing. 2004; 7(14): 39-44.
18. Almeida MCP, Rocha SMM. O trabalho de enfermagem. São Paulo: Cortez, 1997
19. Brasil. Programa Nacional de Gestão de Custos: manual técnico de custos - conceitos e metodologias. Brasília: Ministério da Saúde, 2006.
20. Gersdoff RCJ. Contabilidade de custos hospitalares no Brasil: qual seria um sistema prático, simples e eficaz. Vida Hosp. 1980; (3): 116-23.
21. Vecina Neto G, Ferreira Junior WC. Administração de materiais para sistemas locais de saúde. In: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio. Rio de Janeiro: Fiocruz; 2001.
22. Vecina Neto G, Reinhardt Filho W. Gestão de recursos materiais e medicamentos. Série: Saúde e cidadania. São Paulo: IDS-USP, 1998.
23. Castilho V, Fugulin FMT, Gaidzinski RR. Gerenciamento de custos nos serviços de enfermagem. In: Kurcgant P (Coord). Gerenciamento em enfermagem. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.
24. Grego RM. Disciplina administração em enfermagem II – Gerencia de Custos em Enfermagem. Juiz de Fora: UFJF, 2009.
25. Campos CV, Santos LGS. A percepção do enfermeiro sobre o seu papel no gerenciamento de custos hospitalares. Rev Min Enferm. 2008; 12(2): 249-256.
26. Anastasiou LGC, Alves LP. Processos de ensinagem na universidade: pressupostos para as estratégias de trabalho em aula. Joinville: Univille; 2003.
27. Albano TC, Freitas JB. Participação efetiva do enfermeiro no planejamento: foco nos custos. Rev Bras Enferm. 2013; 66(3): 372-7.
28. Francisco IMF, Castilho V. A inserção do ensino de custos na disciplina administração aplicada à enfermagem. Rev Esc Enferm USP. 2006; 40(1):13-9.
29. Gomes MJVM, Reis AMM. Ciências farmacêuticas: uma abordagem em farmácia hospitalar. Belo Horizonte: Atheneu, 2001.
30. Paterno D. Administração de materiais [monografia]. São Paulo: Universidade São Camilo, 1985.



31. Teixeira AM. Enfermagem e o gerenciamento de custos: revisão sistemática nacional e internacional. Botucatu: Unesp, 2010.
32. Formiga JMM, Germano RM. Por dentro da história: o ensino de administração em enfermagem. Rev Bras Enferm. 2005; 58(2): 222-6.
33. Massaro MC, Lucieli DP. A produção científica sobre gerenciamento em enfermagem hospitalar: uma pesquisa bibliográfica. Cogitare Enferm. 2009; 14(1): 150-8.
34. Gabrielli JMW. Formação do enfermeiro: buracos negros e pontos de luz. Tese [Doutorado em Enfermagem] - Universidade de São Paulo: Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, 2004.
35. Brasil. Lei nº. 9.394, 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, 1996.
36. Ministério da Educação (Brasil). Resolução CNE/CES nº. 3, de 7 novembro de 2001. Institui diretrizes curriculares nacionais do curso de graduação em Enfermagem. Diário Oficial da União, 2001.
37. Renovato RD, Bagnato MHS, Missio L, Bassinelo GAH. As identidades dos enfermeiros em cenários de mudanças curriculares no ensino da enfermagem. Trab educ saúde. 2009; 7(2): 231-248.

## **SOBRE A ORGANIZADORA**

**MICHELLE THAIS MIGOTO** Enfermeira Neonatal pelo Programa de Residência em Enfermagem do Departamento de Enfermagem da Universidade Estadual de Londrina (2006-2012). Mestre em Enfermagem pelo Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal do Paraná (2015-2016), cursando Doutorado Acadêmico no mesmo programa e participante do grupo de pesquisa TIS - Tecnologia e Inovação em Saúde. Desenvolve pesquisas na área de neonatologia e saúde pública com foco na Mortalidade Perinatal.

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-116-9



9 788572 471169